

COMEMORAÇÕES 30 ANOS

30 Teatrão

OS CADÁVERES SÃO BONS PARA ESCONDER MINAS



1-12 MAI

OMT · M/16 · Dur. 80 min.

Qua, sex e dom, 19h
Qui e sáb, 21h30

5 MAI, 19h – sessão com
audiodescrição e LCP

Fala-se, cria-se e discute-se ainda muito pouco sobre as dimensões humana e social que habitam o passado/presente colonial português. *Os Cadáveres São Bons Para Esconder Minas* procura, 50 anos depois, este espaço temporal único que habita a cabeça de ex-combatentes e das suas famílias. Com dramaturgia original de Jorge Palinhos, a ficção apoia-se numa pesquisa documental baseada em testemunhos de soldados mobilizados para a Guerra do Ultramar diagnosticados com stress pós-traumático, feita em parceria com o Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes.

SOBRE A DRAMATURGIA

Na casa onde cresci havia isto: uma catana, estandartes de vários regimentos sedeados em África, quadros de inspiração oriental comprados em Moçambique, uma pistola de serviço que o meu pai guardava numa gaveta junto à cama, e que ocasionalmente oleava e verificava as balas. Nunca ninguém me disse de onde vinham estes objetos e, no entanto, eu sempre soube. A guerra: aquela que toda a gente conhecia e de que ninguém falava.

Seria fácil falar da ideia popularizada por José Gil de que Portugal seria um país sem memória. Só que a memória é um gesto. Um esforço deliberado de guardar o passado. E toda a gente sabia que a guerra que Portugal manteve nas suas colónias entre 1961 e 1974 era para esquecer.

Mas se a memória implica esforço, o seu contrário, o esquecimento, também. Pois o passado



FOTO Carlos Gomes



FOTO Carlos Gomes

não é mais do que o chão que pisamos, mesmo quando raramente olhamos para ele. E para este espectáculo procurou-se principalmente a pesquisa, de resgatar testemunhos, lembranças, que nos mostrassem como a guerra permanece invisível entre nós.

É, portanto, uma peça sobre a impossibilidade do esquecimento e da memória, e sobre as suas mais invisíveis vítimas em Portugal: os soldados da Guerra Colonial, que ainda a carregam no corpo e na alma, e são o húmus para que ela continue a dar os frutos amargos que insistimos em não ver.

Jorge Palinhos (o autor escreve segundo a antiga ortografia)

SOBRE A ENCENAÇÃO

Sou filha de um ex-combatente da Guerra Colonial, mobilizado para o C.P.I. da Guiné, em 1966. O meu pai faleceu com 40 anos, em 1983, era alcoólico. Nasci em 1973. Sempre quis saber a sua história. Parte dela tem a ver com a Guerra. Estes factos não determinaram esta criação. Este espetáculo não é sobre o meu pai. Mas claro que ele o habita, porque ele está em mim. Ele é tempo presente.

Este espetáculo levou-nos a entrevistar ex-combatentes, esposas e ex-esposas de combatentes que fazem atualmente terapia no Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAPS-4) da Liga dos Combatentes de Coimbra. Fomos confrontados de imediato com aquilo que, na verdade, nos motivou para o projeto, a Guerra Colonial é assunto do presente e não do passado. É uma questão complexa, dolorosa, que envergonha, embaraça, incomoda políticos e sociedade em geral, que não soubemos ou não pudemos tratar. É um conflito entre a necessidade de lembrar e esquecer. Semanalmente, eu e o Jorge Palinhos, entrevistámos homens e mulheres que engolem e vomitam o passado e o presente doloroso, como se de um outro tempo se tratasse, que corre mas não sai do lugar. **Isabel Craveiro**

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

DRAMATURGIA Jorge Palinhos
ENCENAÇÃO Isabel Craveiro
INTERPRETAÇÃO Afonso Abreu, David Meco, Diogo Simões, João Santos, Teosson Chau
DIREÇÃO MUSICAL E PREPARAÇÃO VOCAL Rui Lúcio
CENOGRAFIA E FIGURINOS Filipa Malva
DESENHO DE LUZ Jonathan Azevedo
SONOPLASTIA Nuno Pompeu
DESIGN GRÁFICO Studio And Paul
FOTOGRAFIA Carlos Gomes
CABELEIREIRO Carlos Gago (Ilídio Design)
COSTUREIRA Albertina Vilela
OPERAÇÃO DE LUZ E SOM Diogo Figueiredo, Jonathan Azevedo e Nuno Pompeu
DIREÇÃO DE PRODUÇÃO Isabel Craveiro
PRODUÇÃO EXECUTIVA Cátia Oliveira, Eva Tiago
MONTAGEM Diogo Figueiredo, Jonathan Azevedo, Nuno Pompeu
DIREÇÃO TÉCNICA Jonathan Azevedo
COMUNICAÇÃO Luís Marujo e Margarida Sousa
FRENTE DE CASA Beatriz Guinapo, Clara Alves, Isabel Batista, Gabriela Martins, Hélder Carvalho, Inês Amaro, Laura Costa, Margarida Quadros, Maria José Silva, Mariana Martins, Matilde Pereira.
UMA CRIAÇÃO TEATRÃO (2022)

PRÓXIMO ESPETÁCULO NA OMT

Chovem Amores na Rua do Matador

de Mia Couto e José Eduardo Águalusa – A Bruxa Teatro

17 MAI, 19h • M/14

INFORMAÇÕES E RESERVAS

239 714 013 (CHAMADA REDE FIXA NACIONAL)
912 511 302 (CHAMADA REDE MÓVEL NACIONAL)
INFO@OTEATRAO.COM

O Teatrão é uma estrutura financiada e apoiada por:



apoio



Media partners:



Parceiros:

